

Missão antropológica de Moçambique

por

J. R. Dos Santos Junior



(PUBLICADO EN LA REVISTA LAS CIENCIAS, DE MADRID. AÑO IX. NÚM. 3)



MADRID
C. BERMEJO, IMPRESOR
García Morato, 118. - Teléfono 31199
1944



MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE (1)

Alguns resultados de duas campanhas

por J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. aux. de Faculdade de Ciências de Universidade de Pôrto, Chefe
de Missão Antropológica de Moçambique, Bolseiro do I. A. C.

A Missão Antropológica de Moçambique foi criada em 1936 pelo Snr. Dr. Francisco Vieira Machado, ilustre Ministro das Colónias de Portugal, sancionando a proposta que nesse sentido lhe havia sido feita pelo Instituto para a Alta Cultura e pela Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais.

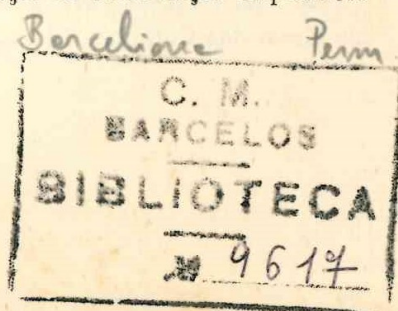
Ao governo de Portugal merece um especial cuidado o reconhecimento científico das colónias.

Às três Universidades portuguesas foi distribuída a vasta tarefa a realizar.

A Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra encarregou-se dos estudos botânicos. A Missão Botânica de Angola, de que foi chefe prestigioso o Prof. Doutor Luiz Carrisso, iniciou no comêço de 1937 a publicação do *Conspectus Florae Angolensis* onde se vai publicando o material das suas colheitas. Infelizmente o Prof. Carrisso morreu em pleno deserto de Mossâmedes (14 de Junho de 1937), quando ali trabalhava, dirigindo a 2.^a campanha da Missão que organizara, chefiava, e à qual se dedicara de alma e coração.

A moderna investigação científica colonial portuguesa tem já os seus herois e os seus mártires. Recordo nêste momento o nome do antropologista Dr. Aurélio da Costa Ferreira, que morreu em Moçambique em 1922.

(1) Comunicação apresentada ao Congresso de Saragoça da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, Dezembro de 1940.



A Faculdade da Ciências da Universidade da Lisboa coube a vasta e importantíssima tarefa dos estudos da Zoologia Colonial.

A Faculdade de Ciências do Pôrto tomou a seu cargo os estudos antropológicos.

O Prof. Doutor Mendes Corrêa, Mestre eminente de Antropologia Portuguesa, investigador ilustre, fundador e Presidente de Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, criador entusiasta da escola Antropológica que tem como núcleo o Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto — o Prof. Mendes Corrêa, dizíamos —, a quem se deve, em parte, a criação da Missão Antropológica de Moçambique, foi convidado para seguir em viagem de estudo à nossa magnífica província ultramarina de Africa Oriental. Infelizmente não pôde aceitar êsse convite. E pênna foi, pois ninguem melhor do que êle poderia realizar, e com o máximo proveito, a tarefa em questão. Solicitado para indicar o nome de alguém que pudesse sêr encarregado da chefia de Missão, quiz o Prof. Mendes Corrêa distinguir-me com a escolha.

Em 1936, de Julho a Dezembro, fiz a minha primeira viagem à Africa do Sul e a Moçambique. O relatório dessa viagem foi publicado nos Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1).

Em Agosto de 1937 voltei a Moçambique para numa segunda campanha, prosseguir, na Alta-Zambézia, as investigações que tinha começado no ano anterior. Uma síntese dos trabalhos da 2.^a campanha (Agosto de 1937 a Janeiro de 1938), foi publicada êste ano pela Agência Geral das Colónias (2).

Parte do material que colhi e estudei foi já publicado nos seguintes trabalhos, além dos dois relatórios citados:

Grupos sangüíneos nos indígenas de Tete (Zambézia), in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.» Pôrto, 1937, Vol. VIII.

Contribuição para o estudo da idade da pedra em Moçambique.— A estação lítica da Marissa (Tete) in N.º 12 do documentário trimestral «Moçambique», Lourenço Marques, Dezembro de 1937; pág. 95 a 103, 6 figs.
Pinturas rupestres do Chifumbazi, in N.º 13 do doc. trimest. «Moçambique», Lourenço Marques, Março de 1938, págs. 5 a 19, 8 figs.

(1) J. R. DOS SANTOS JÚNIOR, *Relatório da Missão Antropológica à Africa do Sul e a Moçambique*, in «Trab. da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», Vol. VIII, Porto, 1938, pág. 257 a 308, 82 figs.

(2) Id., *Missão Antropológica de Moçambique (2.^a campanha)*, publicação da Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1940, 91 págs. e 98 figs.

Anomalias dos membros em negros de Zambézia portuguesa, in N.º 17 do doc. trimest. «Moçambique», Lourenço Marques, Março de 1939, 12 fig. e IV Est. con 21 fotografuras.

Mission Anthropologique de Moçambique, in «Revue Anthropologique» XLIX.ª Année, Paris, 1939, pag. 170 a 183, 6 figs.

Pre-história de Moçambique, tese apresentada ao Congresso Colonial de Lisboa, 1940 e em publicação nas actas respectivas.

Alguns «muzimos» da Zambézia e o culto dos mortos, id. id.

Museu Colonial, comunicação apresentada ao referido congresso e também em publicação nas mesmas actas.

Sua Excelência o Snr. Dr. Francisco Vieira Machado, ilustre Ministro das Colónias de Portugal, deseja que se faça uma 3.ª campanha da Missão Antropológica de Moçambique. Consequentemente, só ha vantagem em juntar novo material ao já colhido, para um estudo global da antropologia física das tribos indígenas que pude observar. Em face porém, da incerteza resultante da complicada situação internacional, vou procurar reunir os elementos já colhidos e publicar uma contribuição para o estudo antropológico dos negros da Zambézia, dentro do pouco tempo que as minhas funções docentes me deixam livre.

Vejamos em rápida síntese o que a Missão pôde realizar no campo da Antropologia, da Pre-história e da Etnografia.

A N T R O P O L O G I A

Comecei os meus estudos neste capítulo, medindo 120 homens e 46 mulheres da tribo dos *Nhungüès* que vivem à roda de Tete.

Estudei ainda outras tribos zambezianas a saber: *Sengas*, *Sêrêros*, *Chicundas*, *Atandes*, *Tauâras*, *Dêmas* e *Antumbas*. Medi aproximadamente 30 indivíduos de cada um destes grupos étnicos.

Em cada prêto fiz a observação de numerosos caracteres descritivos e tirei um grande número de medidas. Disponho d'uma série de 295 observações masculinas e 87 femininas que me permitirão um amplo estudo dos Nhungüès e tratar de alguns problemas de origem e afinidades das tribos citadas.

Estudei os grupos sangüíneos dos Nhungüès, tendo feito 445 determinações, número já suficiente para permitir tirar conclusões de hematologia étnica. Segundo os meus resultados os indivíduos desta tribo zambeziana pertencem ao tipo afro-sudasiático de Ottenberg, O > A > B

se bem que se observe uma alta bastante acentuada do grupo O. O índice bioquímico de Hirschfeld é inferior a 1 como é próprio das raças negras.

Conversando com portugueses há muito residentes no distrito de Tete e com as autoridades administrativas, pude completar as minhas observações e elaborar a carta étnica de Alta Zambézia (fig. 1).

PRE-HISTORIA

As regiões do leste africano e da Rodésia tinham fornecido notáveis documentos paléo-antropológicos e numerosas estações da idade da pedra.

De Moçambique conhecia-se apenas um instrumento neolítico da ribeira do Búsi (3), os sílices lascados do rio Monapo (4) e os concheiros (Kjoekkenmoeddings ?) de Palma (5).

Nas duas campanhas da Missão Antropológica de Moçambique descobri algumas estações líticas na Zambézia a saber:

MARISSA, da cultura de Wilton.

SANANDALA, do «middle stone age complex» sul-africano.

INDJUZE, também do «middle stone age complex» sul-africano como a estação precedente, mas de grau evolutivo superior, como faz crer a sua tipologia.

INDJUZE 2.º, da cultura de Kafou, possivelmente do «developped Kafou» ou mesmo da cultura imediata de Oldway.

CHITAVI, da cultura de Stellenbosch, possivelmente do «Lower Stellenbosch».

NHANCAUZE, indústria do tipo de Kafou mas com tipologia de certa singularidade.

ZUMBO (Hospital e Forte), da cultura de Wilton.

TETE, cultura do tipo paleolítico primitivo. A escassez do material desta estação não permite formular outra conclusão.

(3) LEITE DE VASCONCELOS, *Instrumentos pre-históricos da África Portuguesa*, in «O Archeologo Português», Vol. XVIII, págs. 176 e 177, figs. 10 e 11.

(4) E. J. WAYVADN, *Notes on the occurrence of stone implements in the province of Mozambique*, in «Man», N.º 57, London; 1951 (Anal. por M. Boule em «L'Anthropologie», T. XXVIII, 1917, pág. 451).

(5) AMÉRICO PIRES DE LIMA, *Notas etnográficas do Norte de Moçambique*, Sep.^a dos «Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Porto, Vol. IV. N.º 2, Porto, 1918, pág. 26.

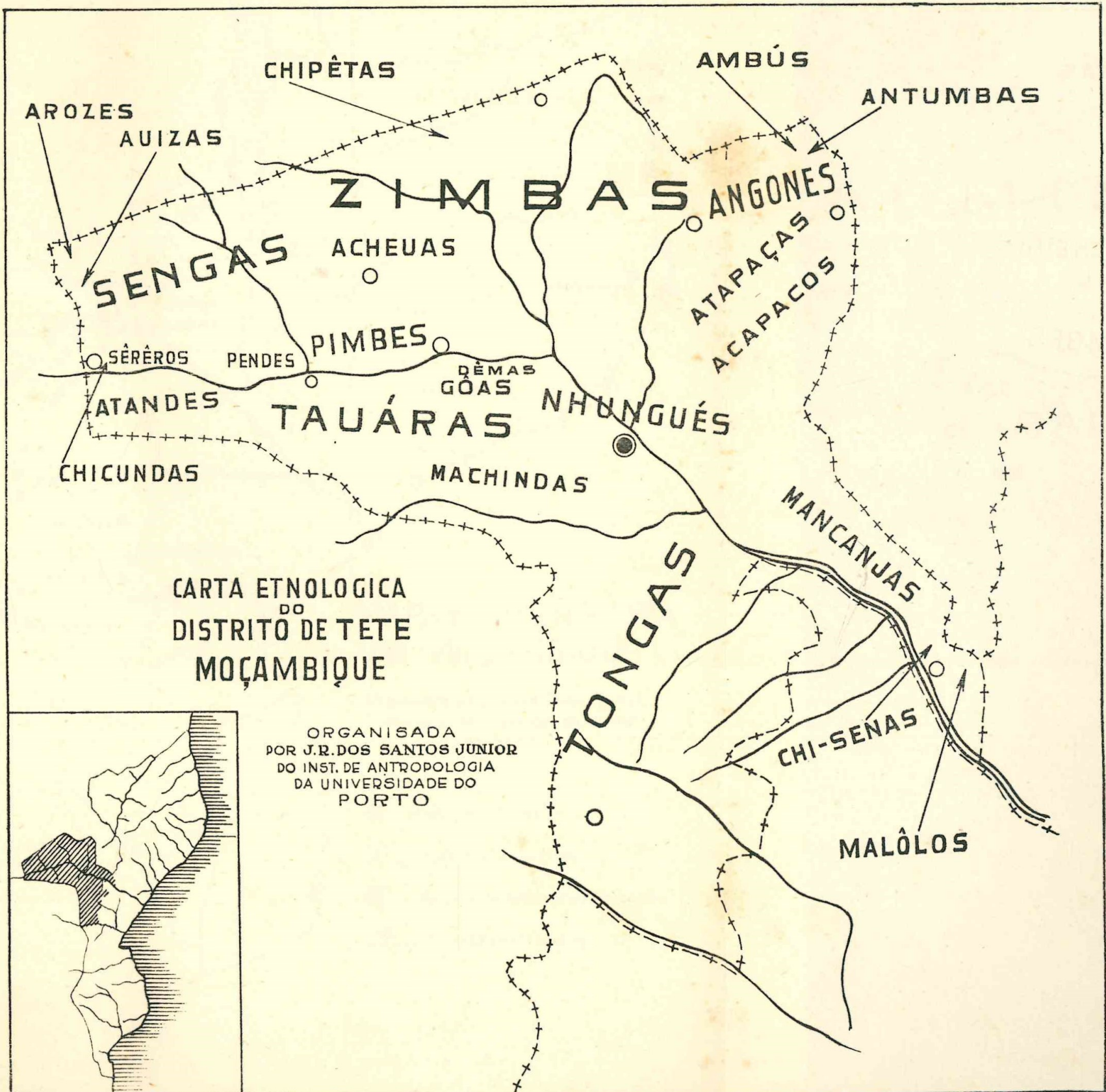


Fig. 1.—Carta do distrito de Fete com a indicação das diferentes tribos indígenas que nele vivem.

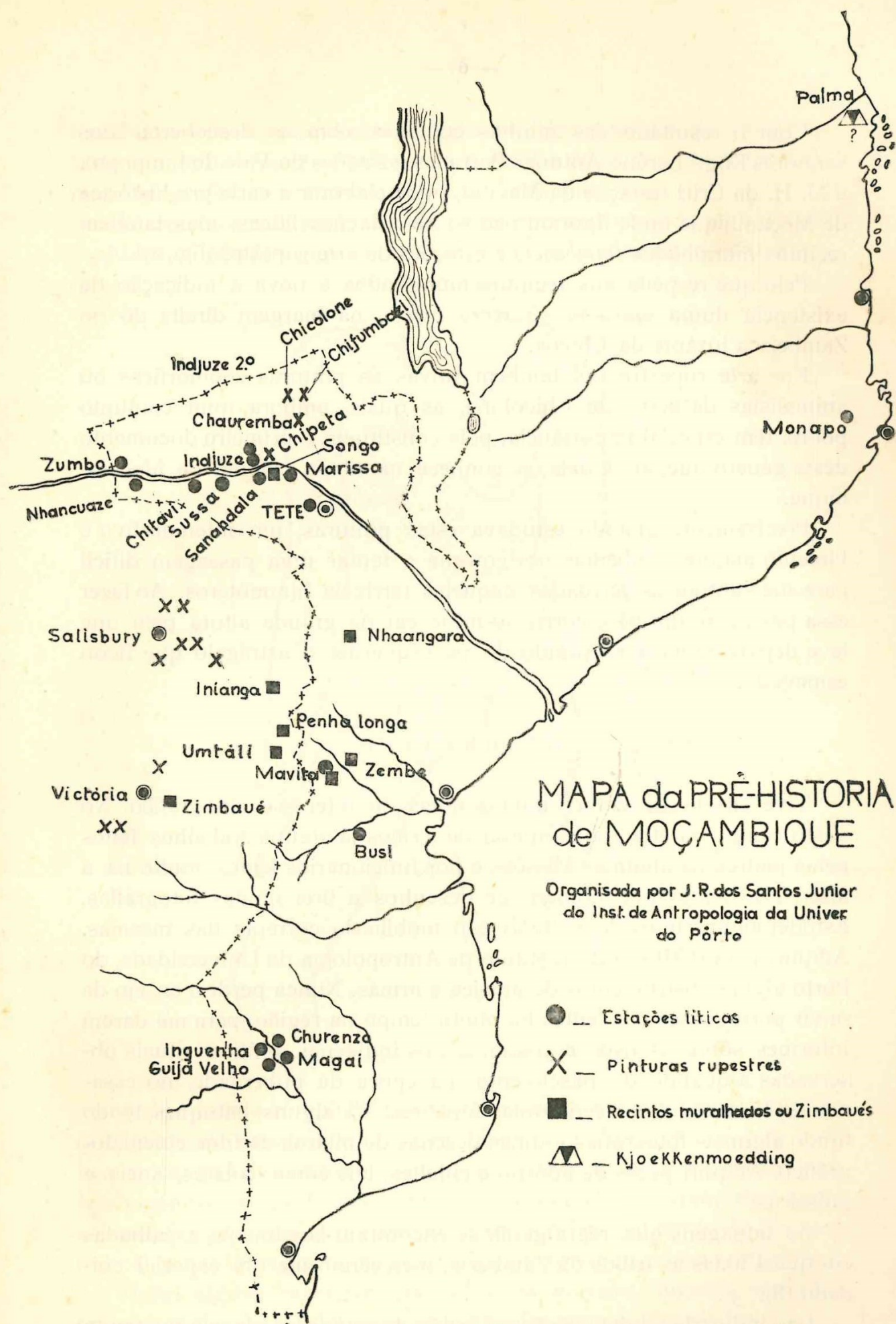


Fig. 2.—Carta da distribuição das estações pre-históricas de Moçambique onde se indicam também algumas de Rodésia.

A localização das estações de Inguenha, Churenze, Guijá Velho e Magai, situadas no vale do rio Limpopo, está feita ad libitum por falta de elementos rigorosos, e, por isso, fica sujeita a correcção.

Com o resultado das minhas colheitas, com as descobertas dos senhores Eng.º Lereno Antunes Barradas (estações do Vale do Limpopo), e M. H. da Cruz (estação da Mavita), pude elaborar a carta pre-histórica de Moçambique onde figuram não só as estações líticas, mas também recintos muralhados (*zimbaos*) e estações de arte rupestre (fig. 2).

Pelo que respeita aos recintos muralhados é nova a indicação da existencia duma *muralha na serra Songo*, na margem direita do rio Zambeze a juzante da Chicoa.

Em arte rupestre são também novas as pinturas zoomórficas ou animalistas da serra de Chicolone, as quais, embora num conjunto pobre, têm especial importância, pois constituem o primeiro documento dêste género que, até à data, se conhece na nossa colónia de Moçambique.

Precisamente quando estudava estas pinturas, um intempestivo e violento ataque de abelhas obrigou-me a tentar uma passagem difícil para me subtrair ás ferroadas daqueles terriveis himmóteros. Ao fazer essa passagem um pé escorregou-me e caí de grande altura pelo que teve depois de me sêr extraído do pé esquerdo, o astrágalo que ficou esmagado.

ETNOGRAFIA

Tive ensejo de colher muitas notas de interesse etnográfico. No vasto campo da etnografia, apesar de termos já alguns trabalhos feitos pelos padres de algumas Missões e por funcionários leigos, muito ha a fazer. Fiz um grande número de desenhos e tirei muitas fotografias. Estudei alguns tipos de *palhotas* e o mobiliário corrente das mesmas. Adquiri para o Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto alguns instrumentos de música e armas. Nunca perdi o ensejo de ouvir portugueses residentes ha muito tempo na região, para me darem informes sôbre os usos e costumes dos indígenas, práticas rituais observadas a quando do nascimento, na época da puberdade, no casamento, bem como nas cerimónias fúnebres. Vi alguns batuques tendo tirado algumas fotografias e umas dezenas de metros de film cinematográfico. Adquiri peças de adôrno e enfeites, tais como colares, aneis e pulseiras.

As tatuagens que, regra geral, se encontram largamente espalhadas em quási todas as tribos da Zambézia, mereceram-me um especial cuidado (fig. 3).

Das industrias indígenas tive ocasião de estudar a da olaria, tendo

trazido para o Museu Antropológico da Universidade do Pôrto um certo número de vasilhas feitas sem o auxilio da roda de oleiro e algumas com motivos ornamentais de-veras curiosos.

Os remédios cafreais e as práticas de feitiçaria constituem um vasto capítulo que não é, seguramente, dos que menos interessa estudar. Trou-

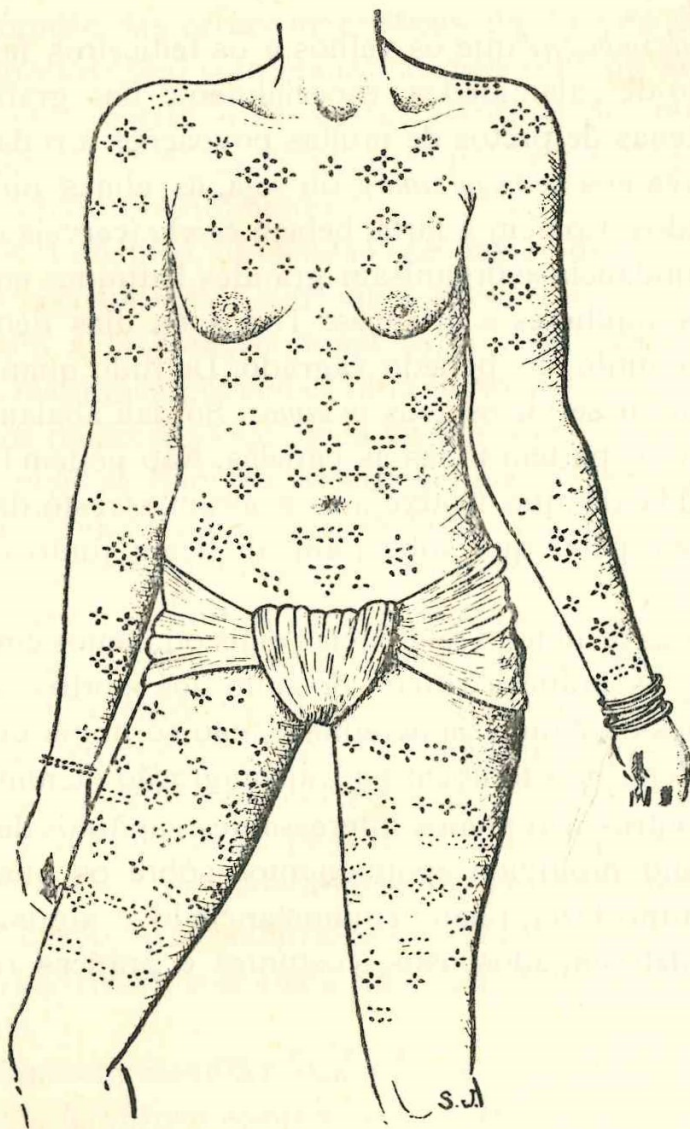


Fig. 3. Tatuagens duma mulher Nhúngüè.

xe comigo toda a complicada série de remédios e instrumental cirúrgico que tinha sido apreendida a um *nhabézi*, doutor indígena que tem também o seu quê de feiticeiro. Conversei largamente com o referido *nhabézi* preso na cadeia de Tete, tendo colhido indicações completas sobre os remédios, e forma de os aplicar, e ainda àcerca do modo de diagnosticar algumas doenças numa larga base de adivinhação ou sortilégio.

Visitei alguns *muzimos*, *muzimbos* ou *m'zimos*, lugares sagrados onde os indígenas vão invocar as almas dos seus antepassados.

Próximo de Tete na serra da Caroeira, existe um *m'zimo grande* a que chamam *dzimbagué*. Note-se a semelhança desta palavra com *zim-baué* ou *zimboé*, local onde vivia a côrte dos antigos régulos, e com que hoje se designam certos recintos arcaicos muralhados.

O *dzimbagué* da Caroeira é um penedo com um buraco na base em parte atulhado.

É naquele *dzimbagué* que os velhos e os feiticeiros falam aos mortos. Em ocasião de calamidades, especialmente nas grandes secas, ali se juntam centenas de pretos de muitas povoações à roda de Tete para implorar a chuva aos seus *m'zimos*, ou seja, às almas ou espíritos dos seus antepassados. Comem à farta, bebem *pombe* (cerveja cafreal feita de milho) em abundância e organisam grandes batuques em que dançam novos e velhos, mulheres e crianças. Todos os dias deitam comida e *pombe* na terra junto do penedo sagrado. De tudo quanto comerem e beberem devem vir servir os seus *m'zimos*. Só dali abalam quando vem a chuva. Ao retirar partem todas as panelas. Não podem levar para casa nenhuma comida da que trouxeram, e assim o resto da farinha e do arroz, a carne e o peixe que sobejaram ali ficam junto do penedo do *dzimbagué*.

Vários autores têm feito referências mais ou menos circunstanciadas aos *m'zimos*, e às práticas rituais do culto dos mortos, concluindo-se que os indígenas da Zambézia acreditam, não só numa outra vida espiritual post-mortem, mas também na transmigração de almas (6).

Acêrca de outros não menos interessantes capítulos de etnografia da Zambézia possuo múltiplos apontamentos sôbre os quais espero em momento oportuno fazer relato circunstanciado e algumas considerações, focando determinados usos, costumes e práticas rituais dos indígenas.

* * *

Algum tempo após o regresso da minha 2.^a campanha em África tive a honra de sêr recebido pelo Snr. Dr. Francisco Vieira Machado, ilustre Ministro das Colónias, o qual manifestou o desejo de que os trabalhos da Missão Antropologica prossigam. É possível que nos próximo ano se realize uma 3.^a campanha.

(6) Sôbre êste assunto apresentei ao Congresso Colonial, um dos da brilhante série dos Congressos do Mundo Português, uma nota circunstanciada que intitulei «Alguns muzimos de Zambézia e o culto dos mortos», e que está em publicação nas actas do referido Congresso.

O reconhecimento científico das terras do Império Colonial Português, é uma das nossas grandes realizações em marcha. Missões Geográficas de cartografia, de delimitação de fronteiras, etc., ha anos que vêm trabalhando aturadamente nas nossas colónias. No ano corrente trabalhavam duas dessas missões, uma em Moçambique e outra em Timor. A elaboração das cartas magnéticas de Angola está em curso. Missões hidrográficas têm sido realizadas nos últimos anos, tendo em vista especialmente, o estudo das costas marinhas dos nossos domínios africanos. As Missões hidrográficas de Angola e de Moçambique estão a trabalhar com todo o rendimento.

Os notaveis trabalhos da Missão geológica de Angola depois de vários anos de porfiado labor, em que a colónia foi percorrida de-lés-a-lés, permitiram a elaboração duma carta geológica mais detalhada daquela nossa magnífica provincia ultramarina.

Os trabalhos da Secção Geológica da Missão Geográfica de Moçambique com os quais se elaborou a carta geológica, prosseguem de modo a fazer-se uma pormenorizada observação de algumas zonas de maior interêsse, não só sob o ponto de vista de geologia pura como da geologia aplicada para o estudo dos recursos mineiros.

No plano para o ano de 1941 devem sêr organisadas mais as seguintes: Missão Botânica de Moçambique e a Missão Geográfica de Angola.

A Missão de Estudos Botânicos Coloniais fez duas campanhas em Angola sôb a chefia do ilustre professor da Universidade de Coimbra Doutor Luis Wittnich Carrisso. Depois da morte dêste glorioso colonista em pleno deserto de Mossâmedes, o Dr. Francisco de Ascenção Mendonça, seu discípulo e colaborador prossegue na publicação do *Conspectus Florae Angolensis*, e chefiará no ano proximo a Missão Botânica de Moçambique.

O reconhecimento científico das nossas colónias é tarefa que está a realizar-se com fervoroso entusiasmo e com a mais decidida boa vontade. Ha em todos os portugueses um entusiasmo crescente pelos assuntos que dizem respeito ás nossas possessões ultramarinas. E não admira que assim seja, pois as nossas colónias constituem parte integrante do Império, são pedaços vivos do corpo sagrado da Pátria, que nós, portugueses de hoje, com a compreensão nítida e serena dos nossos direitos, valorizamos pelo nosso trabalho digno e porfiado, prontos a defendê-lo na sua absoluta integridade, custe o que custar.

E não admira que assim seja, porque as nossas plagas africanas, as planicies, as florestas e os montes dos nosso domínios de além-mar, foram regadas pelo sangue nobre dos nossos antepassados, foram valo-

rizados pelos çacrifícios heróicos e pelas extenuantes fadigas dum punhado de gigantes, que, em luta contra o meio inóspito e contra o indígena bárbaro e agressivo, criaram um Império.

Outros portugueses, soldados gloriosos, missionários dedicados, agricultores laboriosos e comerciantes pertinazes, não por simples espírito de conquista e nacionalismo agressivo, mas em nobres atitudes de patriotismo, solidário com ideais elevados de Fé e de fraternidade humana, consolidaram o Império.

Escola de herois, tribuna de Santos e campo de labuta afadigada, o Império Colonial Português foi unguído com o sangue nobilissimo dos nossos antepassados, inteiramente votados à maior gloria da Pátria em atitudes de abnegação e de amôr fraternal por todas as raças.

Não é pois estranho que em cada português seja viva e fremente a unidade indestrutivel do Império seja sagrada a memória pelos seus herois e mártires.

Universidade do Pôrto.—Novembro de 1940.

C. M. B.
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos



9617

Missão antropológica de
Moçambique